

..... **Artigo** .....

DOI: <https://doi.org/10.23925/1982-4807.2022i32e59097>

**Sociólogos na ficção: um estudo sobre personagens sociólogos**

Ricardo Cortez Lopes<sup>1</sup>

Lis Yana de Lima Martinez<sup>2</sup>

**RESUMO**

O objetivo deste estudo é investigar, em obras ficcionais, personagens que são sociólogos profissionais. Para tanto, coletamos alguns personagens com esse perfil e os analisamos de uma perspectiva qualitativa, buscando encontrar a multiplicidade das concepções sociais expressas nas mídias abordadas. Os resultados apontaram para 3 perfis – o professor, o revolucionário e a paródia – e também a um perfil mais ou menos uniforme, porém com grande variedade de importância para o enredo central – o que reforça o cerne analítico da disciplina.

**Palavras-chave:** Sociólogos; Personagens; Ficção.

*Sociologists in fiction: a study of sociologist characters*

**Abstract**

*The objective of this study is to investigate, in fictional works, characters who are professional sociologists. To do so, we collected characters with this profile and analysed them from a qualitative perspective, seeking to find the multiplicity of these conceptions expressed in the media addressed. The results pointed to three profiles – the teacher, the revolutionary and the parody – and also to a more or less uniform profile, but with wide variety for the central plot – which reinforces the analytical core of the discipline.*

**Keywords:** Sociologists; Characters; Fiction.

---

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) Coordenador de Curadoria da Faculdade IBCMED, ORCID <https://orcid.org/0000-0003-0808-7203> e Lattes <http://lattes.cnpq.br/0168878682156505>, contato email [ricardo@gmail.com](mailto:ricardo@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora e Mestre em Estudos de Literatura pela linha de pesquisa Teoria, Crítica e Comparatismo do Programa de Pós-graduação em Letras Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Especialista em Literatura Contemporânea pelo Centro Universitário UniDom Bosco, ORCID <https://orcid.org/0000-0001-6608-257X> e <http://lattes.cnpq.br/3289410998497809>, contato email: [yana.flafy@gmail.com](mailto:yana.flafy@gmail.com)

## *Sociólogos en la ficción: un estudio de los personajes sociólogos*

### **Resumen**

*El objetivo de este estudio es investigar, en obras de ficción, personajes que son sociólogos profesionales. Para ello, recogimos algunos personajes con este perfil y los analizamos desde una perspectiva cualitativa, buscando encontrar la multiplicidad de concepciones sociales expresadas en los medios abordados. Los resultados apuntaron a 3 perfiles – el docente, el revolucionario y el parodiador – y también a un perfil más o menos uniforme, pero con una gran variedad de importancia para la trama central – lo que refuerza el núcleo analítico de la disciplina.*

**Palabras clave:** Sociólogos; Caracteres; Ficción.

## **1 INTRODUÇÃO**

A figura do sociólogo concentra muito da reflexividade sobre a sociedade estudada, especificamente na mirada científica e evidencial. Como tal, são ideados e representados por outros setores sociais, criando-se até mesmo estereótipos. O presente estudo enfoca a produção e expressão de uma dessas imagens, por meio de personagens de diferentes mídias (entre filmes de curta duração e novelas que se encadeiam entre inúmeros capítulos).

O enfoque deste estudo é qualitativo, baseado na unidade de análise *personagem*. Assim, apresenta como problema de pesquisa a pergunta: “Que imagem pública o sociólogo profissional passa por meio de suas representações em mídias?”. O objetivo do estudo é captar diferentes imagens de uma maneira pluralista. Então, acerca de alguns parâmetros para a coleta de dados, é importante ressaltar que realizamos uma pequena concessão no espectro de outros cientistas sociais – antropólogos e cientistas políticos – para adquirir um número de casos mais representativo e que pudesse ser mais expressivo também para as ciências sociais como um todo, visto que a sub-representação foi constatada nas três áreas. Por este mesmo motivo, não procuramos por ciências humanas aplicadas ou por ciências derivadas das ciências sociais, pois o número de personagens aumentaria expressivamente – sobre arqueólogos, por exemplo, encontraríamos Indiana Jones, Lara Croft, Nathan Drake etc. Também não abordamos exemplares das ciências sociais aplicadas – advogados, economistas e comunicadores – mesmo que eles facilitassem nossa busca por serem personagens bastante recorrentes em mídias de teor jurídico, político e investigativo. Por último, devemos ressaltar que optamos por personagens já diplomados no momento do enfoque do enredo, visto que, senão seria ainda possível abordar também Ishmael Beah, que veio a se formar em Ciência Política quando migrou após os acontecimentos de Serra Leoa no livro *Muito Longe de Casa - Memórias de um menino-soldado*.

# ..... Artigo .....

Por estrutura, apresentar-se-á, em um primeiro momento, o referencial teórico do estudo e, posteriormente, a metodologia para, por fim, analisar os resultados culminando nas considerações globais. Logo, iniciamos pela apresentação dos conceitos.

## 2 O PERSONAGEM E A SOCIOLOGIA

Personagens são um fenômeno ficcional complexo e que podem ser estudados por diferentes ciências e perspectivas. Por meio do personagem, é possível mergulhar em realidades fictícias, que se aproximam e se distanciam do mundo objetivo, a realidade social e histórica. Porém, talvez esse desprendimento também permita certo processo de agência, no sentido atribuído a Bruno Latour: “A personagem é um ser fictício – expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe?” (CANDIDO *et al.*, 1976, p. 51). Então, podemos observar imitação de comportamentos de personagens, casamentos com personagens, ocasiões sociais baseadas em personagens, e isso tudo demonstra que a sua capacidade comunicativa é bastante ampla justamente por conta do mundo ficcional ser contido em si mesmo, o que permite certa apreensão mais facilitada do contexto. Essa capacidade do personagem ficcional influenciar a moralidade de indivíduos históricos remete ao velho adágio comteano: “Os vivos são sempre e cada vez mais governados necessariamente pelos mortos”. Comte se referia, obviamente, aos personagens históricos ou mesmo aos antepassados diretos dos sujeitos históricos, que existiram em seus tempos e legaram saberes, porém os personagens parecem também adquirir esse “efeito real” e, assim, produzir comportamentos. A discussão sociológica que traremos nesse espaço será a sociologia de Antonio Cândido que, apesar de lidar com literatura, também teve embates com o conceito de personagem.

Na corrente das indagações, Brait (1985, p. 9) inquiriu: “que outra matéria, que outra natureza reveste esses seres de ficção, esses edifícios de palavras que, por obra e graça da vida ficcional, espelham a vida e fingem tão completamente a ponto de conquistar a imortalidade?”. Culturalmente, a narrativa é importante, como demonstram as profusões de mitos, muito embora os mitos tenham a característica de serem cridos como históricos (mesmo que muitas

vezes em *illo tempore*). Assim, na definição estrita, o personagem faz parte de uma narração ficcional, ele existe dentro de um universo ficcional, que pode ou não ser relacionado diretamente com o ambiente social do mundo objetivo – embora seja preciso ter uma relação no mínimo de compartilhamento cultural para poder haver uma comunicação entre o criador e o leitor (BRAIT, 1985).

Uma história ficcional não tem existência histórica e obedece apenas às suas próprias regras, porém pode optar por não fazê-lo. É esta “brecha” que permite a inserção da epistemologia sociológica, pois um personagem é uma composição de diversas referências culturais. Uma delas são os grupos sociais visto que ele

[...] pode até parecer a criação de uma inteligência individual ou coletiva, mas é um espelho não perfeito de um grupo ou de indivíduos. Não é perfeito porque o social é só uma parte de composição. Nem me atrevo a afirmar que o personagem é uma representação em total: há também a criação, que não se trata só de contraposição ao já estabelecido, mas também justamente dessa metafísica que faz com que alguns personagens atinjam valores quase universais, que encarnem verdadeiros sentimentos (MARTINEZ; LOPES, 2019, p. 17).

Destarte, o personagem possui uma construção semelhante a um indivíduo, na medida em que ele pertence a grupos, possui uma trajetória pregressa e padrões comportamentais – o ideal é que ele convença o leitor de que ele é um personagem crível. A diferença é a origem destas entidades: enquanto o indivíduo é fruto de uma composição de socialização, personalidade, historicidade, biologia etc., o personagem ficcional depende da criação por parte de um autor para vir a existir, que o imagina e depois o expressa em alguma mídia. Todavia, quando se trata de um personagem histórico, a imaginação do autor está embasada em uma empatia, que pretende ser verossimilhante para produzir a comunicação:

Geralmente, da leitura de um romance fica a impressão duma série de fatos, organizados em enredo, e de personagens que vivem estes fatos. É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino – traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente. O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuítos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam (CANDIDO *et al.*, 1976, p. 51).

Assim, a obra apresenta valores que são expressos, em parte, pelos personagens, que possuem uma vida própria dentro daquele universo. Logo, a presença de um sociólogo no interior de um enredo expressa que, no mínimo, o autor o conhece e, em um segundo momento, que ele cumpre uma função dentro do todo da narrativa. Vamos estudar as mídias não para

# ..... Artigo .....

denunciar alguma manipulação de imagem, mas sim para evidenciar algumas representações circulantes, entendendo seus universos como um tipo de socialização, mesmo que não seja o único, o que abre espaço para outros estudos de outras imagens veiculadas em diversas mídias.

### 3 PERSONAGENS E A PROFISSÃO DE SOCIÓLOGO

O filósofo social sempre existiu na cultura (basta enumerar brevemente os gregos, dos contratualistas, Giambattista Vico, entre muitos outros), porém o sociólogo como conhecemos é uma profissão bem mais tardia, que começou no fim do século XIX e começo do século XX – com a segunda geração de sociólogos, que foi mais acadêmica e menos militante. No começo, foi uma especialidade dentro de graduações, mas com o tempo passou a ser uma graduação própria. O primeiro local de consolidação foi nos Estados Unidos, irradiando-se posteriormente para a Europa e para as Américas (COLLINS, 1994).

Portanto, o sociólogo, em nível mundial, pode ser definido como aquele indivíduo que é portador de um diploma da área – sendo ele de graduação ou pós-graduação – ou que tem sua atuação reconhecida por indivíduos que a possuem – especialmente aplicado para os fundadores da área –, assim como Sócrates não possuía, por exemplo, formação em filosofia, Marx e Comte não possuíam diplomas nessa área. Um personagem, portanto, vai precisar obedecer a esse *background* para ser reconhecido enquanto tal por quem está consumindo a mídia.

Uma análise preliminar demonstrou que é preciso também ressaltar as diferenças entre o personagem baseado em uma pessoa histórica, o paródico e outro baseado em grupos sociais, como demonstra a tabela 1:

**Tabela 1 - Personagens e descrição**

<b>Personagem</b>	<b>Descrição</b>
Histórico	representação de um indivíduo com existência dentro do tempo histórico, e busca o emular.
Paródico	baseado em um indivíduo histórico, criando uma representação que é um exagero de

	algumas características que o tornam reconhecível e risível.
Grupo social	também pode se referir a um grupo social, focando-se em certa “concentração” das características desse grupo para tornar possível a identificação.

Fonte: Autoria própria.

O grupo ficcional, portanto, pode ter diferentes relações com o personagem histórico justamente na riqueza da própria ficção, que, justamente pelo universo ficcional não precisar obedecer a formações – sociais, históricas ou mesmo lógicas. Porém, no caso dos sociólogos, não possuir ligação com o mundo social e histórico acaba com o próprio vir a ser do sociólogo, que só existe pela conexão com determinada formação social, como no exemplo do romance “Iracema”:

Assim sendo, a consistência, a poesia e a beleza da personagem Iracema [do romance romântico de autoria de José de Alencar] só podem ser julgadas (se é que alguma personagem pode ser julgada...) por meio de uma compreensão dessa atitude poética radical, desses recursos tradutores de um mundo recriado por Alencar e articulado de forma a estabelecer um diálogo entre a História e suas possibilidades (BRAIT, 1985, p. 9).

Desse modo, o mundo ficcional criado por Alencar e seu enredo contém interpenetrações da realidade histórica (pesquisada pelo autor em arquivos históricos, como se pode ler nas notas de rodapé). Por mais que haja recursos poéticos, ainda assim há uma verossimilhança histórica, conforme há uma maior proximidade entre o universo construído e o discurso historiográfico (ou mesmo com uma fonte). Nesse caso, o personagem não é mais apenas daquele ambiente, mas atuam como referências uma vez que “remetem a um sentido pleno e fixo” sendo imobilizados “por uma cultura, e sua apreensão e reconhecimento dependem do grau de participação do leitor nessa cultura. Tal condição assegura o efeito do real e contribui para que essa espécie de personagem seja designada herói” (BRAIT, 1985, p. 9).

Logo, é possível encontrar alguns personagens assimilados ou não a grupos de personagens ficcionais sendo referidos nas obras, causando esse efeito de real, embora haja, muitas vezes, alguma nota afirmando que a história é “baseada” em fatos reais. Existe uma outra camada do texto que é certo “molde” social, de papéis que se repetem entre os mundos social e ficcional. É de se reparar que esse molde ou estrutura não necessita da facticidade, mas da verossimilhança para se fazer compreensível e, assim, absorver a atenção do expectador.

De que maneira esse referencial teórico foi operacionado na pesquisa junto às evidências? Quem responde a esse questionamento sobre a conexão é a metodologia.

# ..... Artigo .....

## 4 METODOLOGIA

A presente pesquisa tem caráter qualitativo, trabalhando com as significações produzidas pelas mídias. A técnica utilizada foi da biografia ficcional e a coleta ocorreu por meio de motores de busca, procurando por sociólogos na ficção, assim procedendo em diferentes línguas para adquirir informações sobre as diversas mídias.

Este procedimento resultou num pequeno banco de dados, composto das seguintes variáveis: Personagem (seu nome), Perfil prioritário (qual o lado mais se destaca no personagem, mesmo que isso não exclua), Tipo de personagem (paródia, grupo ou histórico), Mídia Original (onde o personagem foi vinculado originalmente), País (onde foi produzido), Ano (ano em que foi publicado) e Tipo de Mídia (novela, série e filme). Analisamos brevemente algumas tendências.

Posteriormente, foram assistidas as mídias como um todo para encontrar as cenas em que os personagens interagiram e, a partir disso, foram obtidos conteúdos para a análise. Cabe ressaltar que parte desse material foi também imagético, dado que a aparência do personagem também expressa parte da representação (visto que são mídias audiovisuais). É importante ressaltar que uma limitação de nosso estudo é justamente onde o motor de busca não “alcança” – no entanto, essa limitação não é alheia ao estudo, na medida que estamos nos propondo a investigar certa representação mais disseminada sobre o sociólogo em mídias mais disseminadas. Portanto, iniciamos com a sinopse da mídia, o modo como o personagem se insere no enredo, uma descrição física do personagem e terminamos analisando a participação do personagem naquilo que ele remete à sociologia, produzindo uma aplicação do saber sociológico. Vamos analisar uma cena “sintetizadora”, aquela que mostra alguma escolha moral do personagem na qual as suas características principais ficam evidenciadas. A partir disso analisamos os personagens enquanto textos e chegamos a uma análise global, disparada pelas evidências.

## 5 ANÁLISE DOS PERSONAGENS

A análise inicia-se por meio de alguns personagens que já estão “publicados”. Cabe ressaltar que há uma série que vai começar a ser produzida com Betinho, sociólogo famoso por seus esforços revolucionários e que já teve um documentário produzido sobre ele e que teria, também, essa versão ficcional, porém ela foi adiada e não pode entrar no escopo do artigo. Atualmente, as mídias disponíveis estão na tabela 2:

**Tabela 2 - Corpus analítico**

<b>Personagem</b>	<b>Perfil prioritário</b>	<b>Tipo de personagem</b>	<b>Obra</b>	<b>País</b>	<b>Ano</b>	<b>Mídia</b>
Ignácio Guevara	Revolucionário	Paródia	Duas Caras	Brasil	2007	Novela
Alain	Intelectual	Grupo	Amor de 4	Brasil	2017	Série
FHC	Intelectual	Histórico	Real - O plano por trás da História	Brasil	2016	Filme
Karl Marx	Revolucionário	Histórico	O Jovem Karl Marx	Alemanha	2017	Filme
Rodrigo	Professor	Grupo	Malhação (2009)	Brasil	2009	Novela
Cecília	Professor	Grupo	Um crime em Comum	Argentina	2021	Filme
Fulton Greenwall	Intelectual	Paródia	Ace Ventura 2 - Um maluco na África	Estados Unidos	1995	Filme
Elisabeth Beltrão Tavares	Intelectual	Grupo	A Lei do Amor	Brasil	2016	Novela

Fonte: Autoria própria.

Os intelectuais constituem a maioria da amostra (50%), enquanto professores e revolucionários contam, cada um, com 25%. Estas porcentagens dão a entender que o sociólogo não é concebido majoritariamente como antissistêmico ou ligado a temas como a vulnerabilidade social e nem que opta por estar junto a quem está se formando, porém ocupam um lugar na questão de refletir sobre a realidade – seja por meio da erudição, seja pelo domínio de dados sociológicos. Quanto à outra variável, o da tipologia, os de tipo Grupo e Histórico (37,5% cada) são a maioria e Paródia (25%). Essas porcentagens dão a entender que os sociólogos são mais retratados com seriedade do que com escárnio. Com relação aos países encontrados, Brasil (62,5%) e Estados Unidos, Argentina e Alemanha (cada uma com 12,5%).



# ..... Artigo .....

Filme (50%), Novela e Séries (cada uma com 25%). A série temporal foi de 1995 até 2022, e apenas 2017 teve duas mídias.

A partir desse momento, podemos passar para a análise dos personagens em si mesmos, quanto ao seu conteúdo. Metodologicamente, iniciamos pelos enredos das mídias e, posteriormente, vamos focar diretamente nos personagens naquilo que eles contribuem para esse enredo geral e a análise propriamente dita.

A novela *Duas Caras*, escrita por Aguinaldo Silva e dirigida por Wolf Maya, versava em torno do personagem Adalberto Rangel, um nordestino pobre que, no passado, enriquece através de estelionato. No presente da trama, ele se encontra na cidade do Rio de Janeiro, tende realizado cirurgia plástica, transformando-se em empresário reconhecido e adotando o nome de Marcone Ferraço (MALDONADO, 2012, p. 9). Tem-se, então, como mote principal da novela o processo de “legalização” (purificação?) do criminoso Adalberto Rangel. O personagem ainda possui ligações a Universidade Pessoa de Moraes, onde leciona o personagem alvo de nossa análise Ignácio Guevara, em virtude de seu casamento com a filha da dona da instituição.

A aparência do personagem, interpretado pelo ator e comediante Paulinho Serra, está retratada na figura 1:

**Figura 1** - Ignácio Guevara.



Fonte: GLOBO.COM (2007).

O personagem utiliza roupas que remetem aos anos 1970, além de barba e dos cabelos desgrenhados. Logo, é possível interpretar em seu figurino um descompasso e mesmo um distanciamento do revolucionário com a moda presente. Ou seja, o personagem representaria um *ethos* militante do professor universitário de esquerda que é contra o sistema capitalista –

bradando muitas palavras de ordem e citações de revolucionários em suas falas. Cabe ressaltar que essas mesmas características são compartilhadas com um estudante, Rudolf, que foi bastante problematizado na época:

É o papel do jovem ator Diogo Almeida. No enredo de *Duas Caras*, Rudolf é presidente da agremiação estudantil da Universidade Pessoa de Moraes. A caracterização da personagem é uma afronta ao movimento estudantil brasileiro. Na novela, Rudolf só aparece dizendo coisas sem sentido, gritando palavras de ordem simplórias e escondendo-se pelos cantos para chamar a reitora de fascista, gritando quando ela passa pelos corredores da universidade. Nos embates com a dona da instituição e com o reitor, Rudolf sempre sai desmoralizado, ora apresentado como um baderneiro, ora como um ingênuo ou irresponsável. Através de Rudolf, Aguinaldo Silva e a Rede Globo tentam desqualificar o papel da juventude no processo de emancipação dos trabalhadores e, junto, toda uma história de engajamento dos estudantes brasileiros em defesa das causas do povo (SOUZA, 2008, s/p).

Assim, Rudolf é um aprendiz de Ignácio, e muitas das suas características são as mesmas do personagem. Sobre Guevara, podemos encontrar no site oficial a seguinte descrição: “Vagamente aparentado daquele argentino do mesmo sobrenome [provavelmente Che Guevara]. Também argentino, mas sem sotaque. Radical de esquerda, catedrático de sociologia na Universidade” (GLOBO.COM, 2007, s/p). Por essa descrição, podemos verificar duas informações. A primeira é de que o seu título acadêmico, textualmente, vem por último na descrição, mesmo sendo aquilo que o permite estar no espaço de ensino superior. A segunda é a alusão ao revolucionário argentino, como se Ignácio fosse uma corruptela do original, uma imitação falsa e de “qualidade” inferior (pois é um parente e também não possui “sotaque”). Talvez por isso o primeiro nome do personagem tenha sido “Ignácio”, como se fosse uma corruptela da palavra “igual”, ou alguma alusão a Santo Ignácio de Loyola, que se preocupou com a redistribuição de renda.

A cena que vamos utilizar como representativa foi uma em que Ignácio e o professor Heriberto – que é um burocrata que representa a organização antiga da universidade e que, por isso, possui rivalidade com Branca – dialogam. Na narrativa em questão, os dois estão admirando esteticamente alunas durante uma aula de educação física, quando Heriberto afirma, de maneira indireta, que as discentes são bonitas e Guevara concorda: “Sem dúvida, professor, sem dúvida. Vai ser difícil encontrar uma turma do nível dessa [...]. Exatamente, e dentro deles destaco a aluna Celeste, ela tem um potencial maravilhoso, um potencial físico”. Nesta fala, há uma paródia do professor que, aparentemente, milita pela não sexualização das mulheres, porém, longe da ocasião política, age conforme um homem que reifica o corpo feminino, destoando discurso libertário e prática cotidiana.

# ..... Artigo .....

O personagem, portanto, se apresenta como extremamente caricato, como se fosse uma concentração de todas as características do grupo social revolucionário – a combatividade e o conhecimento escolar (nesse caso, o sociológico), com o paradigma crítico sobressaindo, porém sem a aplicação própria. Nesse caso, o lado analista do personagem se perde completamente em prol do ativismo.

A segunda mídia que vamos lidar é com a série de duas temporadas *Amor de 4*, produzida pelo canal Brasil, que tinha uma premissa levemente parecida com o livro *O quatrilho*, de José Clemente Pozenato: dois casais que trocam seus participantes entre si, à semelhança da dinâmica de um jogo de carta com o nome *quatrilho*, porém ambientado no tempo atual. Como explica Nader (2017), o enredo aborda, ao invés de um triângulo, um quadrado amoroso, ao qual se refere o título, e que possui como integrantes as primas Elisa (Branca Messina) e Flávia (Carolina Chalita) e seus respectivos namorados Alain (Nicola Lama) e Miguel (Igor Cotrim).

Esses dois casais passam a conviver juntos com uma visita de Alain e Elisa até a casa da família em um local afastado, na qual moravam Flávia e Miguel. Esse último é uma pessoa muito amargurada e isso se reflete em certo distanciamento com sua consorte, e reencontra na antiga namorada uma oportunidade de revisitar o passado. Alain, portanto, é um dos protagonistas do enredo, o que o torna um dos poucos personagens sociólogos com maior destaque em seu respectivo mundo ficcional - mesmo que esse destaque ocorra por questões amorosas mais do que sociológicas. Seu figurino está exposto na figura 2:

**Figura 2** - Foto de Alain



Fonte: BENÍCIO (2017).<sup>3</sup>

Podemos observar que, assim como Ignácio Guevara, ele utiliza barba, porém suas roupas não são destoantes dos outros personagens e ele visivelmente cuida do seu preparo físico – o que já o diferencia do professor anterior, que evidentemente estava focado no ativismo (embora o autor tenha pesado a hipocrisia). Alain, visivelmente, é mais preocupado com o mundo como “é” e não como “deveria” ser, ao menos no plano da realidade histórica, uma vez que ele é um escritor de ficção e cria obras nesta modalidade artística. Ademais, Alain é um francês nativo, o que evidencia algumas questões extras sobre a colonização (aparentemente ele não aprecia esse tipo de laço) e sobre a contestação de valores sociais estabelecidos em solo brasileiro. É a mãe de Elisa, inclusive, quem aborda mais diretamente sobre a profissão do namorado da sobrinha com uma piada: “Sociólogo e desempregado? Não são sinônimos?”. Isso, provavelmente, aponta para uma percepção da personagem de foco excessivo na teoria, o que prejudicaria a sua inserção mercadológica.

A sua análise sociológica fica mais evidente em uma cena em que está havendo uma conversa sobre o passado de Miguel, que experimentou uma infância de vulnerabilidade social – pois Alain julgou que ele havia nascido em um lar de elite devido à casa na qual morava no momento e por certa arrogância –, o que o coloca dentro de uma perspectiva da teoria da reprodução bourdieusiana. De tal modo que Elisa afirma: “você não vai vitimizar o Miguel agora, né?”. Neste trecho, fica evidente que a relação individual de Alain com Miguel era negativa antes de conhecer a origem humilde do desafeto, filho do caseiro, e se tornou empático após o conhecimento da biografia. Logo, a leitura social-econômica está mediando a apreciação moral de Miguel, que passa a dar um sentido para a defensividade a partir de uma trajetória difícil.

Essa leitura socioeconômica fica na análise para Alain, porém houve um personagem que aplicou diretamente essa visão por meio da política. Mesmo não sendo personagem principal no filme “Real - O Plano por Trás da História”, Fernando Henrique cumpriu uma função primária nos eventos do filme ao promover nomeações para cargos de natureza pública. Por essa razão, o personagem chega a aparecer na sinopse do longa:

1993. Arrogante e inflexível, Gustavo Franco (Emílio Orciollo Neto) é um crítico feroz da política econômica adotada pelo governo brasileiro nos últimos anos, que resultou em um cenário de hiperinflação. Opositor de políticas de cunho social, ele é adepto de um choque fiscal de forma que seja criada uma moeda forte, que devolva a dignidade aos cidadãos. Quando o

---

<sup>3</sup> BENÍCIO, J. Sexo à flor da pele: Canal Brasil estreia série 'Amor de 4'. **Terra**, Diversão, TV, 13 jan. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3QEFDq9>.

# ..... Artigo .....

presidente Itamar Franco (Bemvindo Siqueira) nomeia Fernando Henrique Cardoso (Norival Rizzo) como o novo Ministro da Fazenda, Gustavo é convidado a integrar uma verdadeira força-tarefa, cujo objetivo é criar um novo plano econômico (ADORO CINEMA, 2017, s/p.).

O papel de FHC, portanto, é fundamental no enredo (algo não tão comum no restante do material coletado), que é o da conexão do protagonista Gustavo Franco com o cargo de presidência do Banco Central – após a elaboração do plano Real, com o protagonista compondo a equipe planejadora e, posteriormente, garantindo sua execução. Dado o conhecimento da figura pública do presidenciável, o ator que o representou foi escolhido também por semelhança física, tal como podemos observar na figura 3:

**Figura 3** - Fernando Henrique e Norival Rizzo



Fonte: DIAS (2016).<sup>4</sup>

O personagem ficcional tenta emular a formalidade do personagem histórico, o que o distingue dos outros dois sociólogos já analisados, que eram mais despojados. A semelhança física também é elevada entre referente e representação, porém os maneirismos não foram tão exagerados – paródias diretas de FHC, por exemplo, tornam o personagem mais reconhecível do que o do filme, porém mais pela figura do que pelo legado político. Por outro lado, o ator conseguiu transmitir os bastidores da política de uma maneira mais "racional" e calculada – homenageando, não intencionalmente, o fundador Max Weber, influência direta de FHC –, algo que possivelmente seria impossível com os exageros paródicos.

---

<sup>4</sup> DIAS, T. Com set polarizado, filme quer mostrar Plano Real "sem ideologias". **UOL**, Cinema, Filmes, 11 maio 2016. Disponível em: <https://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2016/05/11/com-set-polarizado-filme-quer-mostrar-plano-real-sem-ideologias.htm>.

No filme, Fernando Henrique, o personagem, é retratado como dotado de um poder de articulação muito acima do normal no cenário político e isso não tem explicação dentro do filme – provavelmente há um bastidor da formação sociológica. Ele também forma um time com intelectuais para elaborar um novo plano, o que também remete à presença dele no ambiente acadêmico, onde recrutou parte da equipe. Também há uma diferenciação do personagem para com a esquerda operária, por meio do político petista. Assim, as falas dele são apaziguadoras porque ele conhece a arte da política, construindo coalizões de maneira natural. A cena em que isso fica mais evidente é no seguinte diálogo:

Itamar Franco (IF): a fome e a inflação só disparam, e eu não vou deixar isso acontecer. Eu morro, mas no meu governo isso não vai acontecer. Meu governo precisa de um plano.

FHC: olha Itamar, isso não é tão simples. O governo vem tentando há anos.

IF: Olha o Sarney, ele fez o Cruzado, congelamentos fiscais e aquela coisa toda.

FHC: o cruzado deu errado, só afundou ainda mais o país.

IF: Mas nunca a taxa de aprovação popular dele esteve tão alta!

Na fala em questão, podemos perceber que IF está colocando uma situação grave e FHC não está negando a demanda (“isso não é tão simples”). Aparece, também, o conhecimento histórico (o governo Sarney) sendo trazido à baila, o que também é da alçada sociológica e demonstra um conhecimento escolar consolidado. Cabe ressaltar que essa fala talvez retrate Itamar Franco como algum líder mais pragmático e menos “altruísta”.

Uma das influências de FHC, sem dúvida, foi Karl Marx, referencial teórico do seu orientador Florestan Fernandes. Enquanto o sociólogo brasileiro participou do enredo de forma a dar movimento para a história (aproximando o Estado do protagonista), o alemão teve sua vida parcialmente retratada no filme *O jovem Marx*, cuja sinopse é a seguinte:

Aos 26 anos, Karl Marx embarca com a mulher, Jenny, para o exílio. Em Paris, eles conhecem Friedrich Engels, filho do dono de uma fábrica que estudou o nascimento do proletariado inglês. Engels traz a Marx a peça que faltava para o quebra-cabeça de sua visão de mundo. Juntos, em meio à censura, greves e agitação política, eles vão liderar uma completa transformação política e social do mundo (RIBEIRO, 2017, s/p.).

Como é de conhecimento amplo, Marx migrou entre vários países, e o filme se foca em sua experiência em Paris, onde conheceu Friedrich Engels, com quem desenvolveu escritos e também ativismo para organizar a classe operária – para a luta de classes, constatada historicamente e incentivada pelo intelectual. Assim, no mínimo, houve uma vontade de refletir a trajetória do autor, porém também se verificou um desejo de refletir também a aparência do mesmo, como mostra a figura 4:

# ..... Artigo .....

**Figura 4** - Comparação entre o personagem e uma representação gráfica



Fonte: MCLEEMEE (2018).<sup>5</sup>

Assim, esse é um dos dois personagens sociólogos que são protagonistas: a sua importância na história é capital, dependendo dele a sequência de acontecimentos. São suas migração e militância que o colocam em contato com Engels e com a classe operária para a aplicação do seu método dialético para além dos estudos.

O personagem do Marx está sempre buscando iniciar a revolução junto ao grupo que considera proletariado, como os sindicatos, enquanto tenta equilibrar sua vida pessoal – o filme dá a entender que é como se ele fosse uma espécie de super-herói sem identidade secreta. A sua esposa parece bastante “emancipada”, no sentido de nutrir uma vida pública completamente desagregada dos papéis da época. Marx vive da venda de artigos e de livros sem se preocupar com carreira, e o filme demonstra algumas dificuldades passadas pelo indivíduo.

Podemos observar a seguinte cena em que um dos pais do anarquismo está fazendo um discurso:

PROUDHON: Então quando pergunto "o que é propriedade?", se eu disser que é roubo, preciso continuar explicando?

MARX: Propriedade? Mas que propriedade? Privada, propriedade burguesa?

BAKUNIN: conheço esse homem. É Karl Marx.

PROUDHON: propriedade em geral, dada como um direito natural, como a liberdade, igualdade ou segurança.

MARX: São abstrações.

PROUDHON: São direitos! Direitos iguais!

---

<sup>5</sup> MCLEEMEE, S. 200 anos jovem. **Revista Movimento**, Crítica, 17 fev. 2018. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2018/02/200-anos-jovem-o-jovem-karl-marx-filme-critica/>.

Nesta fala, podemos observar que Marx está questionando as bases filosóficas do pensamento de Proudhon. Logo, há uma repetição da estrutura epistemológica dos livros de Marx, que apresentavam a tese (quem ele criticava), a sua antítese e depois culminava na síntese. Uma dessas críticas é do idealismo (“abstrações”), por meio do materialismo histórico-dialético. E, nesse ponto, o revolucionário não aparece como paródia, como foi o caso de Ignácio Guevara – ademais, estamos, em verdade, assistindo uma tentativa de representar o “referente” de Guevara, que é o Marx histórico. Esse personagem baseado no fundador, no entanto, demonstrou muito maior saber escolar – principalmente nos campos da filosofia e da história – do que Guevara e também se mostrou radicalmente revolucionário, o que reforça o contraste.

É oportuno também estudar o personagem de Marx por toda a sua influência no campo da educação, especialmente a educação crítica. Inicialmente, imaginamos que, ao procurar professores de ensino médio, encontraríamos muitos personagens em distintas mídias. Quando analisamos a mídia *Malhação*, por exemplo, que é composta por quase 30 temporadas, a maioria com cenários em escolas, imaginamos que encontraríamos muitos professores lecionando sociologia, especialmente depois de 2008 (quando houve o retorno da obrigatoriedade da disciplina para o Ensino Médio). A nossa surpresa foi encontrar apenas um, Rodrigo, da temporada de 2009, e que não era professor apenas de Sociologia, mas também de Filosofia e de História.

A série foi produzida entre 1994 e 2018 pela Rede Globo e sempre foi direcionada para o público adolescente (começando com o foco em uma academia chamada “Malhação” e, posteriormente, sendo ligado a diferentes escolas). A estrutura das diferentes temporadas é a de um casal principal que não consegue ficar junto imediatamente, há toda uma superação de obstáculos culminando na união final. Para as ciências educacionais, são interessantes as aulas que os professores das escolas da novela oferecem – geralmente os conteúdos são selecionados para confluir diretamente com os dramas dos personagens:

Marina e Luciano, além de amigos de infância, são apaixonados um pelo outro, mas não se declaram. Com a chegada de Alex, um jovem músico que veio para o Rio para trabalhar em uma loja de instrumentos musicais, Marina decide se render a uma nova paixão para esquecer o seu “amor impossível”, deixando o caminho livre para que sua maior rival, a invejosa Veridiana, fique com Luciano. Veridiana é filha de Guilherme, um empresário poderoso e inescrupuloso. A história se complica quando Norma Jean, amiga e parceira de Veridiana, se apaixonou por Alex e faz de tudo para afastar Marina.

No outro lado da história, Domingas cria um blog jornalístico que faz sucesso e, por causa de sua fama, será rodeada por interesseiros, como o consumista Caio, que há algum tempo atrás viveu um conturbado relacionamento com



# ..... Artigo .....

Paula, uma doce bailarina apaixonada por Peralta. Quem não gosta nada dessa história é Yasmin, a noiva do rapaz, que viverá em guerra com Paula. Já Bruno, após a mudança de Angelina, Gustavo e família para Europa, decidiu curtir a vida e será parceiro de Godofredo na azaração com as meninas (XAVIER, 2015, s/p.).

Como podemos ver, os professores não cumprem um papel mais relevante no enredo no geral, então Rodrigo não aparece nela. O personagem, portanto, é um professor contratado para lecionar no colégio Múltipla Escolha no ano de 2009. A sua descrição oficial é a seguinte: “Rodrigo Oliveira (Guga Coelho) - Professor de Sociologia do Múltipla Escolha, é jovem e impetuoso. Defensor ardoroso dos direitos do povo brasileiro” (POPTEVÊ, 2009, s/p.). Podemos observar já algumas tendências, como a defesa dos direitos (“fervoroso” dá a entender uma militância), o que converge para a sua impetuosidade da juventude. Será que esses traços de personalidade se refletem no personagem? Afinal, o que foi descrito foi, praticamente, um revolucionário aguerrido, ou no mínimo um social-democrata "fanático". Isso se reflete na sua aparência, exposta na figura 5?

**Figura 5** - Professor Rodrigo Oliveira.



Fonte: FANDOM (s/d).<sup>6</sup>

Com relação às imagens, podemos notar na composição uma barba rala e cabelos desgrenhados também, além de roupas não tão formais – e a preocupação com a assistência social, apesar de não ser propriamente revolucionária, também desloca os interesses do personagem para o “dever ser”, mesmo sem ser o do tipo revolucionário.

---

<sup>6</sup> FANDOM. **Guga Coelho**. Tv Community, Telenovela Database Wikia, s/d. Disponível em: [https://telenovela-database.fandom.com/wiki/Guga\\_Coelho](https://telenovela-database.fandom.com/wiki/Guga_Coelho).

Esse professor está atrelado diretamente a uma Organização Não-Governamental (que posteriormente se apresenta como falsa), o que reforça certa fusão direta do personagem com temas da assistência social. Afora as explicações sociológicas, podemos verificar uma cena em que os professores se unem para falar aos alunos sobre violência em suas respectivas turmas:

Rodrigo: e é importante que esse amor que eu to falando é transformador. E que todos nós devemos nos esforçar para não propagar esta violência estúpida que nos cerca.

Alex: deixa eu ver então, Rodrigo. Quer dizer então que amar é uma forma concreta de mudar o mundo? [...]

Rodrigo: e é justamente isso, meu caro Alex. Porque quem respeita o próximo não fica por aí marcando guerrinha que nem o senhor fez. Porque se tá tudo interconectado e conectado, vocês podem ter certeza que essa violência vai sim voltar para vocês [...] A via para se erradicar a violência é você dar melhores condições humanas para o ser humano se desenvolver, crescer, para o ser humano se entender como gente. Não é mesmo, Caio?

Caio: deve ser, show.

Rodrigo: ô Caio, eu tô aqui lhe observando desde o início da aula, você tá com cara de poucos amigos. O que foi? o tema combate à violência não é suficientemente interessante pra você? É isso?

Caio: sabe o que é, Rodrigo? É que esse papo de que todo mundo tem que se amar, me cansa. Ainda mais quando você fala que tudo começa dentro de casa.

Rodrigo: e não é? Fique sabendo que a mãe do amor pelo filho é sim a coisa mais importante que tem.

Caio: você não sabe do que tá falando. Você não tem ideia do que tá falando. Então você manda suas teorias para esse bando de otário, porque eu to fora, tá bom?<sup>7</sup>

Na fala do professor, há algumas palavras como “transformador” (sem dúvida da pedagogia freireana) e “violência” (tema caro à sociologia das conflitualidades) e certo ideal emancipatório (condições humanas para o desenvolvimento), além do combate à violência (e não a análise do fenômeno por si mesmo, como faria um pesquisador). Outro assunto eminentemente sociológico nas palavras é o da socialização primária, quando toca em um ponto sensível de Caio, que havia sofrido abandono materno. O aluno refere também à questão do enfoque desse sociólogo em teoria – olvidando a vida prática e tornando a aula uma série de fatos sem aplicação prática.

Outra professora de sociologia que encontramos, de nível superior (semelhantemente a Ignacio Guevara), é Cecília, do filme *Un crimen común*, lançado em 2021. A sinopse da película é a seguinte:

Em Um Crime em Comum, Cecilia, professora de sociologia, recebe a visita do filho adolescente da governanta, Kevin, em sua porta durante uma noite de

---

<sup>7</sup> VIVA. Perdeu a cabeça! Caio explode durante a aula e desabafa com Bruno | Malhação 2009 | Melhor do dia. Youtube, Capítulo 87, dia 01 set. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=getX2IY5fIA>.

# ..... Artigo .....

chuva forte. Receosa em deixá-lo entrar, ela acaba recebendo a notícia de que, no dia seguinte, seu corpo fora encontrado em um rio. O bairro acusa a polícia de ter perseguido o rapaz, o que desperta a revolta das pessoas de mesma situação socioeconômica. Além disso, Cecilia também está tendo que lidar com seu conceito de realidade cada vez mais abalado, sua culpa e seu sentimento de perseguição (ADORO CINEMA, 2021, s/p.).

Cecília, portanto, é a protagonista do filme, que é bem segura de sua visão de mundo e que a coloca em movimento após o evento traumático – o assassinato do filho da sua empregada. A sua silhueta está evidenciada na figura 6:

**Figura 6** - Cecília e o filho



Fonte: BRAZ (2021).<sup>8</sup>

Podemos observar que se trata de uma mulher de meia-idade que não busca se diferenciar ou se destacar por meio da aparência – como a contestação do presente produzida por Guevara. Isso, possivelmente, ocorre por conta da sua vinculação com uma sociologia acadêmica mais do que com uma revolucionária – talvez, se a personagem fosse revolucionária de fato, tivesse se alinhado diretamente com Kevin sem muitos questionamentos, pois a sua leitura partiria de uma noção de superestrutura.

O filme já inicia com a protagonista se indignando com o modo como a polícia tratou um menor de idade em um parque, insurgindo-se, portanto, contra a truculência contra um rapaz

---

<sup>8</sup> BRAZ, R. “Um Crime em Comum”: filme da Netflix discute culpa e privilégios. *A Gazeta*, Crítica & Entrevista, Coluna de Cultura, 27 jan. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3AjOKpA>.

desconhecido por ela em um ambiente público. Depois disso, a película vai evidenciando que ela é uma socióloga da corrente marxista – devido aos seus estudos de Althusser e do próprio Marx, expressos em seus fichamentos e em suas aulas –, e em uma cena ela é especialmente rigorosa com dois alunos de vertente mais relativistas – o que demonstra certa ortodoxia acadêmica de sua parte, no contraste com os alunos que não queriam abraçar as grandes teorias, enquanto Cecília as achava fundamentais para a pesquisa sociológica. Isso demonstra certa estabilidade psicológica da protagonista.

A sua crença sociológica prévia foi abalada quando o filho de sua empregada, Kevin, aparece no pátio de sua casa de madrugada – Cecília temeu por sua vida e se ocultou – e desaparece no dia seguinte, e há suspeitas de que a responsável foi a polícia – como se houvesse uma “saída de campo” da professora para a realidade e que comprovou que sua ciência sociológica não mudou de fato sua visão de mundo.

Por esse motivo ela utilizou a expressão de que todas as aulas, daquele momento em diante, aparentam superficialidade<sup>9</sup>, pois, na hora da ação, a personagem não ajudou Kevin, que havia buscado guarida em sua casa – o que a assustou porque ela estava em casa sozinha com seu filho a dormir. Posteriormente ao momento traumático, talvez sua "inércia teórica" também a tenha impedido de realizar uma investigação sobre as condições da morte – o que cambiária o gênero do filme para suspense, porém também tornaria visível Kevin, porque a falta de informações impede uma ligação maior do próprio público com o personagem. Na seguinte fala podemos verificar a sociologia aplicada (e não aplicada): “Cecília: Isso nos permite definir novamente a sociedade de uma forma que nos leva a uma determinação simples, e não uma sobredeterminação”. Assim, podemos perceber uma espécie de percepção de que a sociedade é determinada pela economia, logo o pobre não teria como não sê-lo. Dessa maneira, Cecília está mais decepcionada com ela mesma do que com a teoria, porque achava que a teoria a tornava alguém com uma visão mais ampla, porém ela foi humana quando Kevin precisou de ajuda sem ela saber – daí a falta de profundidade.

Cecília não chegou a referir à trabalho de campo (nenhum dos sociólogos referiu diretamente a ele), porém encontramos algo próximo com o personagem Fulton Greenwall no filme *Ace Ventura 2: Um Maluco na África*, o qual conta com a seguinte sinopse:

---

<sup>9</sup> É claro que essa visão da teoria que a personagem nutria é um tanto ingênua, apesar de servir bem para o argumento do filme (uma professora de classe média focada no seu cotidiano e esquecendo a sociedade real). É evidente que uma teoria se arvora em dados colhidos no momento da pesquisa ou por revisão bibliográfica, e que não há como a teoria se manter intocada com a mudança da sociedade primeiramente analisada ou com o “transplante” da mesma teoria para outras sociedades. Portanto, se a personagem fosse tão versada em teoria, teria esse conhecimento de área que lhe impediria de ser tão “realista”.

# ..... Artigo .....

Após não conseguir salvar um guaxinim, Ace Ventura (Jim Carrey) impõe a si mesmo um exílio entre os monges no Himalaia. Após isso, ele viaja para o continente africano, a fim de tentar recuperar o grande morcego branco sagrado, que foi prometido como dote quando a princesa dos Wachati, uma tribo pacífica, se casar com o filho mais velho dos Wachootoo, uma tribo sanguinária. Se o morcego não for recuperado em tempo hábil isto ocasionará uma guerra e os Wachati serão massacrados, pois os Wachootoo vão considerar isto um insulto e o desaparecimento do morcego uma maldição. Ace tenta ajudar da melhor maneira possível, mas para ele a melhor forma implica em várias confusões (ADORO CINEMA, 1995, s/p.).

Note-se que Fulton não aparece na sinopse, mas ele tem o papel da ligação também (assim como FHC): ele é quem encontra Ace Ventura no mosteiro, ele é quem conhece o idioma de todos os envolvidos, o que demonstra dedicação ao estudo de diferentes povos, e ele também auxilia o protagonista no fim do filme. Ou seja, ele circula entre as diferentes culturas e produz interpretações sobre elas, que são utilizadas para empreitadas colonialistas (sem ele saber). A sua aparência aparece na figura 7:

**Figura 7** - Fulton Greenwall



Fonte: FANDOM (s/d.).<sup>10</sup>

Podemos observar que as roupas são para sobreviver em um ambiente não-urbanizado (e desértico), e que remetem também à proteção em um ambiente inóspito. Observamos que ele também possui uma constituição mais acadêmica do que revolucionária ou docente, pois não

---

<sup>10</sup> FANDOM. **Ace Ventura Wiki**. Movies Community, Characters, Males, Fulton Greenwall, s/d. Disponível em: [https://aceventura.fandom.com/wiki/Fulton\\_Greenwall](https://aceventura.fandom.com/wiki/Fulton_Greenwall).

há a presença de barba ou de desgrenho capilar (mesmo com o uso constante do chapéu possa vir a disfarçar a desordem).

O personagem lembra, portanto, os antropólogos do século XIX e começo do XX que realizavam pesquisas (mormente etnográficas) em sociedades tribais, além do fato de ter relações com a Embaixada. Ele é, portanto, a ligação entre o empresário e a cultura local – mesmo que o antropólogo esteja mais centrado, diretamente, na produção de textos de cunho científico. No fim do filme, no entanto, ele se rebela contra o seu chefe e ajuda Ace Ventura contra o empresário inescrupuloso, o que demonstra certo engano e uma redenção e mostra uma associação moral com a sociedade em que Fulton era especialista, cujos interesses foram percebidos por outro nativo, Ace Ventura. Podemos observar essa verve etnográfica na seguinte fala:

Ace Ventura: Ora, ora, ora?! Essa pasta de fruta é gostosa! E o prato é bonitinho!

Ouda: É feito de guano!

Ace Ventura: Guano?! Esse nome é familiar...

Fulton Greenwall: Fezes de morcego! É um artefato da tribo dos WACHATIS. Eles usam-no para fazer muitas coisas.

Podemos observar, portanto, que Ace Ventura está experimentando um estranhamento com o artefato cultural dos Wachatis, enquanto Greenwall não – cujo nome provavelmente deriva de “parede verde”, ou seja, ele é o último obstáculo para a comunicação com os nativos, que vivem em ambiente não-urbanizado, em uma sociedade de parentesco. O antropólogo, por seu turno, abdica de seu etnocentrismo para lançar uma compreensão dos povos, o que o permite enxergar os traços diacríticos entre as diferentes sociedades. É claro, esses traços podem ser utilizados para incrementar a dominação, que foi uma das críticas da antropologia pós-moderna aos primeiros antropólogos.

Também com uma passagem pelo hemisfério norte, a última personagem, Elizabeth, possui a sua titulação confirmada (mestrado em Sociologia nos Estados Unidos) e fazia parte do enredo da novela *A Lei do Amor*, cuja sinopse é a que se segue:

Heloisa (Isabelle Drummond/Claudia Abreu) e Pedro (Chay Suede/Reynaldo Gianecchini) se conhecem desde muito jovens e guardam um amor que para poder acontecer precisa superar muitos desafios. Enquanto Pedro vem de uma importante e conhecida família rica, Heloisa é filha de um pai alcoólatra (Daniel Ribeiro) e divide suas preocupações entre ajudar no sustento da sua casa, já que o seu pai foi demitido pelo pai de Pedro (Tarcísio Meira), e cuidar da sua mãe Cândida (Denise Fraga), que tem leucemia em um estágio avançado. Quando o pai de Heloisa morre em um terrível incidente, a moça passa a culpar os pais do seu amado pelo trágico fim da sua família. Agora, Magnólia (Vera Holtz), madrasta de Pedro, vê Heloisa como uma ameaça,

# ..... Artigo .....

arquiteta um terrível plano e consegue separar o casal. Vinte anos depois, os dois se reencontram e lidam com casamentos, mágoas e um amor de infância (ADORO CINEMA, 2016, s/p.).

Ou seja, o enredo trata, basicamente, de uma mãe (Magnólia) tentando manipular os relacionamentos do seu enteado – estrutura semelhante à *Malhação*. Elizabeth não aparece nesta sinopse por conta de estar inserida dentro da categoria “terrível plano” de Magnólia – como veremos adiante. A aparência de Elizabeth está exposta na figura 8:

**Figura 8 - Elisabeth**



Fonte: GUIDORIZZI (2016).<sup>11</sup>

Assim como Cecília, a sua aparência não destoa da dos outros personagens da trama – com exceção que Elizabeth procura chamar a atenção do ponto de vista estético com maquiagem e roupas caras, porém isso é bastante comum na novela como um todo. Logo, há uma espécie de “fato social” na novela, que é a do cuidado estético, e a personagem o segue – o que não se aplicou, por exemplo, a Guevara, que utilizava roupas fora de tendência e possuía um desleixo proposital.

Quanto ao conteúdo, a personagem, em si mesmo, é bastante ambígua. Por um lado, ela se preocupou com as questões sociais, como mostra esse texto oficial:

Elisabeth Beltrão Tavares (Regiane Alves) – mesmo tendo se casado com Augusto apaixonada, foi perdendo a admiração pelo marido ao ver a imobilidade dele diante da falta de recursos da cidade. Como primeira-dama,

---

<sup>11</sup> GUIDORIZZI, G. Beth é assassinada e faz Regiane Alves deixar 'A Lei do Amor' após dois meses. **Purepeople**, Novela A Lei do Amor, 23 dez. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3pAteaU>.

até tentou ajudá-lo, mas a irritação com aquelas condições a levou a voltar a pensar em si, e então decidiu ir para os Estados Unidos fazer mestrado em Sociologia (PUREPEOPLE, 2016, s/p.).

Em um primeiro momento, a personagem não se satisfaz com a política institucional exercida pelo marido, e resolveu imergir na teoria sociológica (saindo do “ser” e deslocando-se para o “dever ser”). Ela voltou a interagir com os outros personagens da novela quando a vilã, Magnólia, a contrata para reatar com o seu enteado Augusto, que já estava casado novamente com alguém que não era do seu interesse. No entanto, ela acaba por se envolver com um interesse romântico de Magnólia (Ciro) e chantageia a vilã para não revelar a farsa. Posteriormente, Beth é assassinada com um tiro.

Do ponto de vista moral, esta é uma das personagens mais destoantes dos demais sociólogos, na medida em que ela assume uma ênfase mais utilitarista para as suas ações, o que envolve a extorsão da vilã – se bem que se tratou da extorsão de uma milionária, o que poderia ser lido como uma espécie de redistribuição de renda por parte de Beth, que poderia estar planejando redistribuir o montante subtraído posteriormente, tal qual uma revolucionária. A cena emblemática é justamente da sua morte, momento no qual Magnólia oferece uma oração antes da execução:

Magnólia: Se você quiser, nós podemos fazer uma oração juntas.

Beth: Eu não acredito em Deus!

Magnólia: Que pena! A fé é um alento, principalmente nessas horas...

Podemos observar que a personagem não acredita em Deus, o que reforça a ideia de que o sociólogo analisa crenças e, a partir disso, não as crê ele mesmo para poder incrementar a sua análise. Ou, pior, novamente há o enfoque na teoria acima de qualquer outro valor moral, o que torna o sociólogo alguém apartado da vida cotidiana e dos outros indivíduos e, portanto, ateu e contracultural.

O que esses dados apontam, no geral? Vamos realizar as inferências e, daí, obter as considerações globais.

## **6 EXPOSIÇÕES GERAIS**

Nesta seção vamos analisar os dados colhidos na seção anterior, dando um sentido para eles entre si e com a teoria. Nosso propósito é responder ao problema de pesquisa, acerca da imagem pública dos sociólogos construída por meio de alguns personagens.

Primeiramente, precisamos fazer um corte de gênero nos personagens. Quase todos os sociólogos homens usam barba, o que é compartilhado entre professores e revolucionários (os



# ..... Artigo .....

acadêmicos, definitivamente, não a utilizam). As mulheres não apareceram como revolucionárias em nosso recorte e não costumam contestar a aparência mais compartilhada nessas mídias.

Também é importante ressaltar uma grande variedade da importância do sociólogo para os diferentes enredos. No geral, ele não é essencial para a história, ele está envolvido com subtramas – com exceção de FHC, Cecília, Alain e Marx, que são protagonistas ou coadjuvantes. O restante soma no enredo, porém não estão envolvidos na trama principal, o que nos leva a pensar que existe pouca circulação do conhecimento sociológico nesses mundos ficcionais.

Também a sociologia em si não aparece expressa na maioria das produções, ela está mais compondo os personagens do que sendo afirmada, sem necessariamente se colocar como uma prática profissional ou como uma reflexão sobre o cotidiano. Ou seja, os personagens não são vitrine para a sociologia.

A partir dessas três tendências mais gerais, podemos começar a unir os dados ao tecer comparações com outros estudos de temática semelhante, como o seguinte, que se focou em personagens literários:

Primeiro, a própria sociologia é retratada como uma pseudociência, sem limites de assunto ou qualquer rigor detectável. Em segundo lugar, os sociólogos fictícios emergem como cidadãos excessivamente agressivos, às vezes desagradáveis, da academia. E terceiro, nas partes não relacionadas ao trabalho de suas vidas, os sociólogos na ficção frequentemente exibem padrões não convencionais e extremistas de comportamento pessoal (KRAMER, 1979, p. 356, tradução nossa).<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Texto Original: “First, sociology itself is depicted as a pseudo-science, without subject-matter boundaries or any detectable rigor. Second, fictional sociologists emerge as overly aggressive, sometimes obnoxious citizens of academe. And third, in the non-work portions of their lives, sociologists in fiction frequently exhibit unconventional and extremist patterns of personal behavior” (KRAMER, 1979, p. 356).

Recebido em: 2022-08-22

Aprovado em: 2022-08-22

Em primeiro lugar, as histórias aconteceram na Europa, um continente mais escolarizado e local de fundação da sociologia. O sociólogo, em si mesmo, não se constitui em uma figura irritante ou indesejável – talvez isso seja verdade para os revolucionários, porém eles não eram desprezados pela sociologia em si, mas sim pelo seu ímpeto revolucionário. Quanto ao comportamento, houve uma divisão entre os revolucionários (conflituosos) e os intelectuais (analistas), e os professores pareceram constituir em um meio termo – pois comunicam diretamente com alunos e conseguem viver diretamente da atividade profissional sociológica.

Em comum a essas, apareceu certa tendência à uma visão de mundo construindo em volta da teoria sociológica: o revolucionário a voltaria para a atividade política, o intelectual e o professor esqueceriam da realidade concreta a partir dela (o que concorda com a análise feita pelo autor de que há certo academicismo). Assim, há uma ligação endêmica do sociólogo com a teoria, que não é apreciada por outros personagens, o que dá a impressão de que, do ponto de vista da abordagem, esses personagens consideram o sociólogo como um “dedutor que submete as evidências”, que coloca a teoria como parâmetro explicativo do real.

O sociólogo não aparece em mundos que não o moderno, o que o torna certo “artefato” cultural da modernidade e que só faz sentido dentro dele – o que já não ocorre com historiadores, filósofos, matemáticos, que existem desde o mundo antigo em vários continentes. Assim, há um tipo de “tríade herderiana”, no qual há um “*Cuius regio, eius religio*”, pois o sociólogo só adquire relevância dentro da sociedade que ele estuda – os outros personagens não cogitam que ele estude outras formações sociais, o que corresponde a uma percepção de que o sociólogo estuda apenas aquilo que lhe interessa, legislando em causa própria. Paralelamente, isso leva a certa transgressão da figura do analista: ele também é moralmente associado com uma afetividade com a sociedade, ou no mínimo, em especial com as questões de vulnerabilidade social. Essa última mirada aproxima muito o sociólogo da assistência social no ponto de vista ficcional, o que pode ter ressonâncias no mundo da vida não-ficcional.

A segunda é que o que foi encontrado na pesquisa coaduna com uma anotação na primeira busca. Encontramos, mormente, os sociólogos participando de documentários, chamado para complementar com falas suas o argumento principal das produções desse gênero. Em ficção mesmo, os sociólogos constituem em poucos personagens e ocupam lugar secundário nas narrativas – com exceção de Cecília (principal) e de FHC (secundário), o que torna difícil encontrar suas cenas dentro das mídias por suas diminutas participações.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

# ..... Artigo .....

O presente estudo analisou personagens sociólogos em diversas mídias. O estudo foi de caráter qualitativo, analisando os personagens enquanto expressões de valores sociais. Os resultados apontaram para o profissional como sendo professor, revolucionário ou intelectual, sendo todos esses perfis focados na teoria, o que ocasiona que outros personagens o considerem como uma espécie de dedutor descolado de dados empíricos – e orientado para questões de vulnerabilidade social. Os resultados apontaram para três perfis: o professor, o revolucionário e a paródia. Também observamos que, no geral, o sociólogo não faz parte do enredo principal. Vamos concluir o texto com algumas considerações finais.

A primeira é que não se pode afirmar inequivocamente que há um desejo em destruir a imagem pública dos sociólogos por parte das grandes mídias, pois as ficções abordadas foram construídas por autores com trajetórias muito distintas, e mesmo os personagens mais paródicos não foram necessariamente derrisórios. Portanto, há uma grande variedade de personagens e esse pluralismo deve ser percebido.

A partir desse estudo, foi notado que é preciso também um cuidado extra para se diferenciar o sociólogo do assistente social, pois este último tem, necessariamente, preocupação maior com uma aplicação dos seus saberes por via de instituições específicas. O sociólogo, por seu turno, tem foco epistemológico na análise, o que ajuda na alimentação e crítica das ações de agentes sociais – públicos ou privados.

Outra reflexão é que o sociólogo, nessas obras, parece abdicar de sua condição de sujeito e buscar se tornar um “espelho” do coletivo, o que contribui para marginalização de sua importância nesses universos. Talvez isso explique por que o Brasil possui poucos “intelectuais públicos” formados como sociólogos (como o historiador Leandro Karnal, os filósofos Clóvis Barros, Sérgio Portella e Luiz Felipe Pondé). Para enumerar sociólogos de ofício, poderíamos referir a Jessé Souza – embora ele seja um tanto “nichado” e tenha seu nome bastante ligado à política, mesmo com uma obra tão rica – e Fernando Henrique Cardoso – que, a despeito da grande produção bibliográfica, é lembrado majoritariamente pelo seu mandato na presidência da república e menos pelo seu principado sociológico.

## REFERÊNCIAS

ADORO CINEMA. **Ace Ventura 2 - Um maluco na África**. Filmes, Filmes de Aventura, 1995. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-15077/>. Acesso em: 28 abr. 2022.

ADORO CINEMA. **A Lei do Amor**. Séries, Séries Drama, 2016. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/series/serie-21222/>. Acesso em: 28 abr. 2022.

ADORO CINEMA. **Real - O Plano por Trás da História**. Filmes, Filmes de Drama, 2017. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-250247/>. Acesso em: 28 abr. 2022.

ADORO CINEMA. **Um crime em comum**. Filmes, Filmes de Suspense, 2021. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-281311/>. Acesso em: 28 abr. 2022.

BJORKLUND, D. Sociologists as characters in twentieth-century novels. **The American Sociologist**, v. 32, n. 4, p. 23-41, 2001.

BRAIT, B. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

CANDIDO, A. *et al.* **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

COLLINS, R. **Four sociological traditions**. New York: Oxford University Press, 1994.

GLOBO.COM. **Ignácio Guevara**. Novela, Duas Caras, Personagens, 2007. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20071215010823/http://duascaras.globo.com/Novela/Duascaras/Personagens/0,,PS1833-9178,00.html>. Acesso em: 26 abr. 2022.

KRAMER, J. Images of sociology and sociologists in fiction. **Contemporary Sociology**, v. 8, n. 3, p. 356-362, 1979.

MALDONADO, R. A telenovela “global” e a defesa do empresariamento do ensino pela burguesia do setor de comunicações. **Revista Trabalho Necessário**, v. 10, n. 14, 2012.

MARTINEZ, L. Y. L.; LOPES, R. C. **Personagens**: entre o literário, o midiático e o social. Curitiba: Viseu, 2019.

NADER, V. Crítica: Amor de 4. **Correio Braziliense**, Próximo Capítulo, 27 jan. 2017. Disponível em: <https://blogs.correiobraziliense.com.br/proximocapitulo/critica-amor-de-4/>. Acesso em: 28 abr. 2022.

POPTEVÊ. Nova temporada de "Malhação" estreia nesta segunda em clima de férias. **UOL**, Televisão, 11 jan. 2009. Disponível em: <http://televisao.uol.com.br/ultimas-noticias/2009/01/11/ult4244u2290.jhtm>. Acesso em: 29 abr. 2022.

PUREPEOPLE. **Novela 'A Lei do Amor'**: conheça os personagens e saiba quem é quem na trama! Notícia, 02 out. 2016. Disponível em: <https://www.purepeople.com.br/noticia/novela->

# ..... Artigo .....

a-lei-do-amor-conheca-os-personagens-e-saiba-quem-e-quem-na-trama\_a137701/1. Acesso em: 26 abr. 2022.

RIBEIRO, L. **O Jovem Karl Marx**. Papo de Cinema, Crítica, Filmes, 18 dez. 2017. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/filmes/o-jovem-karl-marx/>. Acesso em: 28 abr. 2022.

SOUZA, H. R. C. Novela da Globo escancara natureza antidemocrática da emissora. **A Nova Democracia**, 11 fev. 2008 [Edição Impressa, v. 6, n. 40, fev. 2008]. Disponível em: <https://anovademocracia.com.br/materias-impressas/novela-da-globo-escancara-natureza-antidemocratica-da-emissora/>. Acesso em: 27 abr. 2022.

XAVIER, N. Malhação 2009. **Teledramaturgia**, 2015. Disponível em: <http://teledramaturgia.com.br/malhacao-2009/>>Acesso em: 03 maio 2022.

Recebido em: 2022-10-18

Aprovado em: 2023-02-17



Esta obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada